

PAISAGENS CONTEMPORÂNEAS: TERRITORIALIDADES E TENSÕES CULTURAIS 2020 (2045 - 25) ¾ DE SÉCULO DE VERTIGEM, INSANIDADE E ILUSÃO

pensamentos iniciais

Euler Sandeville, 07/2019

As aulas emergem de questões que me inquietam e, provavelmente, nos inquietem a todos, ainda quando de formas e modos distintos. Todas as aulas estão sendo elaboradas pela primeira vez, no contexto de profundas indagações humanas e sociais em que estamos imersos com certa contrariedade e até mesmo perplexidade, nas quais se multiplicam fragmentações temáticas e identitárias sem fim, crises institucionais e das perspectivas cívicas (da civilidade e cidadania em oposição à barbárie).

Assistimos e participamos de polarizações imensas e acirradas que não desejam pontos de contato ou diálogo, somos atingidos por disputas econômicas cada vez mais selvagens e sem freios, estimula-se contra qualquer racionalidade ou princípio a violência entre pessoas e nações, mediadas pela norma, pela força e pela ambição voraz... Sucumbe a moralidade (embora ambas tenham a ver com o comportamento, moral e moralismo são coisas bem distintas; a primeira diz respeito à ética e ao coração, a segunda a um certo descolamento entre ética e comportamento e a uma condição estereotipada do agir). Sucumbe a liberdade de pensamento em arcaicos projetos fundamentalistas e castrantes da política [partidária de "a a z"] ou de sua venalidade, tão desgastados quanto persistentes. Sucumbe a noção de verdade, por plataformas e palavras de ordem cada vez mais moralistas, autoritárias, partidárias e messiânicas de uma verdade própria após negar intelectualmente e afetivamente a possibilidade da verdade.

Por isso mesmo, é a necessidade e o desejo - espero que a possibilidade - de encontrar nesse mesmo ambiente contemporâneo o espaço dos sonhos que sonhamos acordados, dos afetos humanos mais positivos (não nos falta a sabedoria, sabemos a milênios os princípios e valores necessários, o que nos falta é a prática). Não se espera encontrar respostas ou soluções, mas, se possível, ampliar os horizontes da tolerância a par da firmeza de convicções valorizando as esperanças do melhor de nossa humanidade (nossa humanidade, tão capaz do seu melhor quanto do seu pior) que buscam o espaço de sua construção. Faz-se urgente a necessidade de diálogo, principalmente quando difícil, diante do outro. O outro não são as minorias, não são as majorias, não são as diferenças com as quais nos identificamos. Trata-se do que não é igual a nós nem partilha necessariamente o que partilhamos como certo. Trata-se de pensar a busca do espaço de urbanidade antes que o de manifestação de si, de perceber a oportunidade e possibilidade de construção de valores ou, em sua impossibilidade, a devastação mútua.

Trata-se de olhar de frente uma grande crise ética, de propósitos e da credibilidade de construção de significados! Trata-se, portanto, de indagar os significados do que estamos construindo com nossas certezas, mesmo que venham em vestes de incertezas.

Se não pudermos pensar respeitosa e seriamente na universidade as contradições, as diferenças, os projetos, os desejos, as alteridades, as causas e pautas em questão, deixa então de ser universidade, pior, bem pior, deixamos à nossa humanidade o seu pior e o seu mais degradante, mesmo diante da possibilidade ou alegação de ver ainda o seu melhor nas fronteiras da barbárie que se fazem como se fossem invisíveis, apesar de tão próximas.